

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ELIANE ALBRECHT RAMOS

**MEMÓRIAS ESCOLARES COMO RECORDAÇÕES REFERÊNCIA: O TRAJETO
FORMATIVO DE IDOSOS**

Bagé

2023

ELIANE ALBRECHT RAMOS

**MEMÓRIAS ESCOLARES COMO RECORDAÇÕES REFERÊNCIA: O TRAJETO
FORMATIVO DE IDOSOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Matemática - Licenciatura da Universidade
Federal do Pampa como requisito parcial para
obtenção do Grau de Licenciada em Matemática.

Orientadora: Luciana Martins Teixeira Lindner

Bagé

2023



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

ELIANE ALBRECHT RAMOS

MEMÓRIAS ESCOLARES COMO RECORDAÇÕES REFERÊNCIA: O TRAJETO FORMATIVO DE IDOSOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Matemática - Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Matemática.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 06 de dezembro de 2023.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Lucina Martins Teixeira Lindner
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Claudia Laus Angelo
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Cândice Moura Lorenzoni
(UFSM)



Assinado eletronicamente por **LUCIANA MARTINS TEIXEIRA LINDNER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/12/2023, às 15:41, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Cândice Moura Lorenzoni, Usuário Externo**, em 14/12/2023, às 17:58, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CLAUDIA LAUS ANGELO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/12/2023, às 15:00, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1330574** e o código CRC **91D0922B**.

Referência: Processo nº 23100.025403/2023-33 SEI nº 1330574

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

A175m Albrecht Ramos, Eliane

Memórias escolares como recordações referência: O trajeto
formativo de idosos / Eliane Albrecht Ramos.

37 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, MATEMÁTICA, 2023.

"Orientação: Luciana Martins Teixeira Lindner".

1. Histórias de vida. 2. Idosos. 3. Memórias escolares. I.
Título.

Dedico este trabalho com grande honra a minha irmã e professora Edenia Ramos Barbosa que introduziu os meus primeiros ensinamentos escolares e que foi meu melhor exemplo.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, quero agradecer aos meus onze filhos por fazerem parte desta caminhada e prestarem incondicional apoio durante toda a minha jornada e com carinho mais que especial as minhas duas filhas mais velhas Diana Ramos Lima e Isis Ramos Lima pela paciência em discutir as minhas ideias que nunca são fáceis de serem aceitas. Segundo, agradeço à Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA pois sem ela não seria possível trilhar esta trajetória, assim como a todos os professores pois, sem eles não chegaria a este trabalho final. Gratidão à Prof.^a Dr.^a Luciana Martins Teixeira Lindner que teve o carinho de me apresentar a essa teoria e fazer-me trilhar por ela. Aos idosos por terem explicitado suas experiências e, assim, concedido suas falas para que essa pesquisa fosse possível. Por fim, meu agradecimento todo especial à Casa Dia Vicente de Paulo com a sua equipe e aos queridos e amados idosos que fizeram parte do corpo da pesquisa representados aqui por seus pseudônimos: Neneca, Menino Travesso, Campesino, Sinhazinha e Aventureiro.

“Eu, eu estou aqui.
Logo, sou obrigada a acrescentar
ainda o seguinte. Eis-me aqui,
eu que estou aqui, que não posso falar;
não posso pensar e que devo falar
logo pensar talvez um pouco
não posso fazê-lo somente em relação a mim
que estou aqui
aqui onde estou,
mas penso um pouco,
suficientemente
não sei como.”

Samuel Beckett - O indomável

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo conhecer e compreender as memórias escolares de cinco idosos assistidos pela Casa Dia Vicente de Paulo localizada em Bagé-RS na perspectiva da vertente teórica das Histórias de Vida a qual Marie-Christine Josso (2002) e Christine Delory-Momberger (2008) são autoras basilares. A produção dos dados foi realizada por meio de entrevistas abertas e individuais no ano de 2022 e a análise dessas entrevistas foi realizada durante o ano de 2023. As entrevistas foram transcritas e categorizadas por meio de núcleos temáticos que emergiram dos relatos. Usei os pseudônimos – Neneca, Campesino, Aventureiro, Menino Travesso e Sinhazinha para me referir aos cinco idosos – 3 homens e 2 mulheres, esses pseudônimos brotaram simbolicamente das histórias contadas. Os três núcleos temáticos que emergiram foram: ambiente escolar; experiências pessoais e relações interpessoais. Através do cunho (auto) formativo com especificidades de uma metodologia sustentada pelo paradigma do experimental e também pelo paradigma do singular/plural foi possível a visualização do sentido e a potencialização do processo de formação e de conhecimento, tanto como prática pessoal como também na escuta do outro, através das memórias escolares vividas pelos idosos.

Palavras-chave: Histórias de vida; Idosos; Memórias escolares.

ABSTRACT

The present work aimed to know and understand the school memories of five elderly people assisted by Casa Dia Vicente de Paulo, Bagé, RS, from the perspective of the theoretical strand Life Histories, of which Marie-Christine Josso (2002) is the basic author. Data was produced through open and individual interviews in 2022 and narrative analysis in 2023. The interviews were transcribed and categorized by means of thematic nuclei that emerged from the reports. I used the pseudonyms – Neneca, Campesino, Aventureiro, Menino Travesso, and Sinhazinha to refer to the five elderly people – 3 men and 2 women, these pseudonyms sprouted from the stories told. The three thematic nuclei that emerged were: school environment; personal experiences and interpersonal relationships. Through the (self) formative nature with specificities of a methodology sustained by the paradigm of the experimental and also by the paradigm of the singular/plural, it was possible to visualize the meaning and the enhancement of the process of training and knowledge, both as a personal practice and also in listening to the other and through experiences lived by the elderly.

Keywords: Life Stories; Elderly; School memories.

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------------|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 2.REFERENCIAL TEÓRICO | 15 |
| 2.1 ALGUNS CONCEITOS | 15 |
| 2.2 O QUE É RECORDAÇÃO-REFERÊNCIA | 16 |
| 2.3 BIOGRAFIZAÇÃO | 17 |
| 2.4 CONHECENDO O CONTEXTO DA CASA DIA | 19 |
| 3 METODOLOGIA | 21 |
| 3.1 PRODUÇÃO DOS DADOS | 21 |
| 3.2 ANÁLISE DE DADOS | 22 |
| 3.2.1 Neneca | 23 |
| 3.2.2 Campesino | 24 |
| 3.2.3. Aventureiro | 24 |
| 3.2.4 Menino Travesso | 25 |
| 3.2.5 Sinhazinha | 26 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 31 |
| 5 REFERÊNCIAS | 32 |
| APÊNDICES | 34 |

Listas dos Apêndices

Apêndice A – Foto Casa Dia

Apêndice B –Escola infantil anexa à Casa Dia

Apêndice C – Dinâmica proposta: Criando figuras com Tangran

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou conhecer e compreender as memórias escolares de cinco idosos assistidos pela Casa Dia Vicente de Paulo, localizada em Bagé-RS, na perspectiva do conceito de Recordações-Referência que foram simbólicas de uma vida (JOSSO, 2002) e Biografização (DELORY-MOMBERGER, 2008). Foi uma pesquisa de cunho (auto)formativo efetuada com as especificidades de uma metodologia sustentada não somente pelo paradigma do experimental, mas também pelo paradigma do singular/plural (JOSSO, 2016).

A História de Vida é, dentre outras, uma metodologia que aporta modos operacionais em que os dados e as informações são produzidos e não simplesmente coletados, neste caso, mediante o estudo com a fonte sobre narrativas autobiográficas dos idosos.

A pesquisa foi realizada nos materiais produzidos pelos idosos durante o ano de 2022. As análises realizadas das narrativas foram durante o ano de 2023 e ganharam sentido e potencializaram-se como processo de formação e de conhecimento, porque tiveram na experiência sua base existencial. Desta forma, as narrativas constituíram-se como singulares no trajeto formativo de cada idoso, porque se assentaram na transação entre diversas experiências e aprendizagens relatadas por eles. Emergiu daí a necessidade de compreender os elementos essenciais das histórias, os fatos biográficos (DELORY-MOMBERGER, 2008) explicitados nas conversas realizadas junto aos idosos e as Recordações-referência (JOSSO, 2002) como os fundamentos que nortearam essa análise.

1.1. Minhas memórias escolares

Início esta escrita sobre memórias escolares apresentando minha primeira escola que foi a Escola Municipal Padre José de Anchieta no interior da cidade de Cacequi. Nela fiz os anos iniciais até a quinta série, pois a escola oferecia apenas essas séries. Havia duas professoras, uma estava próxima da aposentadoria e a outra era minha irmã mais velha que havia estudado até o quinto ano.

Dos meus momentos escolares em relação ao aprendizado, lembro-me que tive bastante dificuldade com a escrita. A letra “a” eu fazia com a perninha puxada embaixo e custei muito a fazer corretamente. Para aprender a ler, usávamos uma cartilha que tinha os seguintes personagens: Ema, Olavo, Elida e Moema.

Na segunda série, lembro-me que a professora era outra e também estava próxima da aposentadoria. Tínhamos que decorar toda a tabuada e quanto à escrita, escrevíamos cem frases como: “Moema vai a casa de Elida e viu o gato de Olavo.” Também escrevíamos os números de 1 a 100.

Minhas melhores memórias são dessa escola, na qual dividíamos uma única sala com todas as turmas, em um mesmo turno. As carteiras eram divididas por três alunos, nelas havia espaço para por o lápis e a borracha e embaixo uma extensão onde podíamos guardar materiais, quem os possuía, e havia na escola-sala dois quadros negros para todos. A obediência era levada a sério. Se fosse preciso, os professores batiam nas nossas mãos com a régua, puxavam os cabelos e as orelhas. Na escola havia alunos negros e brancos, mas não podiam se misturar.

Quanto ao mobiliário, lembro-me que na escola tinha uma foto com um processo de germinação de uma semente de um pé de feijão até a sua fase adulta. Havia uma moldura com a bandeira do Brasil e uma foto de um dos presidentes do Brasil, o Presidente Castelo Branco. Havia alguns livros, um atlas muito grande, um Mapa Mundi. Tinha também a hora de leitura e, lembro-me de algumas fábulas que eu gostava muito, como: “O menino Rico e o Menino Pobre”, “Pelé e Pepi” e “A agulha e a Linha”.

A partir de um determinado ano, já estava na terceira série primária, a merenda foi obrigatória na escola e guardo até hoje o sabor da aveia com leite que nos ofereciam. No entanto, durou pouco, pois a escola não tinha cozinha e a merendeira tinha que fazer na casa dela e trazer.

Concluí a quinta série no ano de 1976. No ano de 1978 fomos morar na cidade por problemas de saúde de meu pai e no ano seguinte fui matriculada na sexta série na escola de Ensino Fundamental Deputado Rui Ramos na cidade de Rosário do Sul. Cursei a 6ª série, mas não aprovei, não consegui me adaptar em um mundo completamente diferente.

Lembro-me dos professores, a de Ciências, por exemplo, porque era negra e muito grande. Eu tinha medo da professora de Português, era estranha para o meu olhar de criança, acho que ela tinha uma “deficiência”, era assustador. Lembro-me de equações de Matemática, aulas de Música com a Professora Magda, amava as aulas de Geografia com a professora Beatriz.

A aula de Educação Física era no turno inverso, era fora da escola, porque o espaço escolar era dividido com uma escola particular que usava o 3º e o 4º andar do prédio. O lugar onde praticávamos era longe da minha casa e eu tinha que caminhar muito. Tinha uma colega que ia comigo e morava perto, ela era mais esperta que eu, porque eu era uma caipira e ela já namorava, mas fazíamos companhia uma para a outra.

Depois voltei a estudar em um curso noturno na Escola Marçal Pacheco. Ali fiz novamente a 6ª série e nesta escola não tinha nota com números, usavam conceitos e objetivos na avaliação. Lembro-me que eu sofria muito com o que hoje denominamos *bulling* dos colegas que riam do meu jeito de falar. Da escola lembro-me bastante da professora de Português e da de Ciências, dos colegas. No ano seguinte cursei a sétima série por uns três meses.

Fui morar em Santa Rosa e ingressei na Escola Cenicista de 1º e 2º graus Dr. João Danhe. Aqui eu já tinha 16 anos e chegava em uma localidade com costumes diferentes. Foi novamente difícil a adaptação, mas já não era mais criança e podia fazer as melhores escolhas. Fiquei, enfrentei e acabei me isolando, não construí vida social. Concluí o Ensino Fundamental e fiquei na mesma escola para cursar o Técnico em Contabilidade. Gostei bastante, mas tive dificuldades com a matemática e com a frequência.

Na oitava série eu tive o Professor Lauro de Matemática. Eu o achava o máximo, as aulas eram muito dinâmicas, podíamos discutir os problemas de aula entre nós e com ele, depois ele ia para o quadro, escrevia um problema e dizia assim: “Isso é um *blitz* para vocês e quem fizer tem a nota dez da prova!”. Fazíamos um alvoroço. Ele foi um professor referência para mim, pois eu gostaria de trabalhar como ele trabalhava, é minha lembrança de um bom professor.

No curso Técnico em Contabilidade, cursei Contabilidade de Custo, Contabilidade Comercial, Contabilidade Bancária e Contabilidade Geral. Nas aulas de Direito o professor era fumante, entrava na sala de aula com um cigarro aceso e nós também acendíamos os nossos cigarrinhos, era um sinal de liberdade e de moda. As aulas de Estatística eram muito legais, a professora era jovem e conversava conosco sobre vários assuntos.

Em Mecanografia e Processamento de Dados, estudávamos as máquinas de escrever manual e elétrica, os seus tipos, aprendíamos a trocar as fitas, a tabular, ali nós criávamos plano de contas, livro caixa, livro diário, os razonetes. Na Educação Física eu jogava vôlei e handebol. Lembro-me que no segundo ano do Técnico eu liderei uma manifestação em prol do não aumento das mensalidades e matrículas da escola. O diretor nos chamou na sala dele e fez uma pressão dizendo que ia nos expulsar se não voltássemos para a sala e eu respondi: “Pode expulsar!” mas os colegas ficaram intimidados e decidiram voltar.

Meu sonho era fazer faculdade de Jornalismo para combater as injustiças. Nessa fase da minha vida, meu lugar de lazer era a biblioteca pública. Nessa época fiz curso de Datilografia, fiz Introdução à Programação de Dados, que difere bastante do que se tem em informática hoje, estudei fora da escola formal sobre Psicologia que influenciou na minha escolha pelo curso de Matemática – Licenciatura.

No final do curso Técnico eu mudei de cidade. Poderia ter ficado, mas não tive segurança suficiente para essa opção. Fiz a transferência para Rosário do Sul para a escola onde só tinha o Ensino Médio científico, outro fracasso e acabei reprovando. No ano seguinte, mudei-me para São Gabriel onde havia uma escola Municipal de Técnico em Contabilidade. Como a grade da escola de Santa Rosa era maior, fiz algumas adaptações em Matemática e Técnicas Comerciais e terminei o curso.

Hoje curso Matemática-Licenciatura na Universidade Federal do Pampa, depois de ter um recesso de 30 anos sem estudar. Encontrei vários empecilhos, mas a vontade de mudanças em mim sempre é maior que as adversidades. Venho vencendo com bastante dificuldade com várias reprovações a cada semestre, mas de maneira lenta, hoje faltam apenas sete disciplinas para terminar o curso.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Alguns conceitos

A partir da vertente teórica Histórias de Vida e Processos Autobiográficos, busco compreender por meio de memórias escolares as recordações-referência de idosos que são assistidos pela Casa Dia Vicente de Paulo, localizada em Bagé-RS. Para isso, inicio esta fundamentação teórica conceituando as palavras narrativa e biografia. De acordo com o dicionário (2023), a palavra narrativa: “é um substantivo feminino que é uma ação, efeito ou processo de narrar, de relatar, de expor um fato, um acontecimento, uma situação (real ou imaginária), por meio de palavras”, e biografia: “história da vida de uma personagem, de um autor”.

A perspectiva desta pesquisa é trazer as narrativas biografadas, por meio das memórias escolares desses idosos. Christine Delory-Momberger (2002, p. 27) considera a palavra biográfica como o lugar da constituição de um “sujeito” psicológico e histórico face às restrições e às prescrições coletivas”. Essa autora entende que a concepção dessa palavra “biográfica” também contempla e articula as noções de identidade, história pessoal, relação consigo mesmo e construção de si mesmo.

Segundo a mesma autora, o outro aspecto que compreende a palavra biográfica refere-se à sociologia clássica sobre documentos e testemunhos individuais que, uma vez submetidos a triagem e recortes por dar acesso de forma concreta a fatos sociais e comportamentos coletivos. Um exemplo é a obra "Diário de Anne Frank"(FRANK, 1942), em que uma menina judia, de 13 anos, relata de forma biográfica, em seu diário, como vivia com sua família escondida durante dois anos na Segunda Guerra Mundial.

Ali vai relatando o seu cotidiano em palavras simples e de fácil entendimento. Ela narra a rotina dessa pequena comunidade durante o período em que seus integrantes permaneceram refugiados, assim que tomam conhecimento do destino que lhes seria reservado se fossem capturados pelas forças nazistas da Alemanha.

Através dos relatos do diário dessa menina, é possível compreender o retrato de uma guerra num contexto social, abrangendo uma situação cotidiana dentro de um microcosmo da família e das pessoas que estão escondidas naquele sótão como também ampliando a percepção, a nível de macrocosmo, da complexidade da guerra.

Por conta desse exemplo literário e da vida durante a guerra, é notório que quando se usa a narrativa, no meu caso nesta pesquisa, refere-se a um trabalhar com o outro e não sobre a história do outro, mediante o diálogo e a escuta sensível.

Essa lógica de trabalhar com o outro busca construir, narrativamente, o sentido da vida, através de lembranças que são consideradas referências na escolha dos caminhos percorridos pelo sujeito. A autora desse diário, através da narrativa, registra a vivência dessas pessoas sob a ameaça constante da morte e sua visão pessoal, de 13 anos de idade, sobre esse terrível confronto.

Nesta pesquisa iremos aprofundar os conceitos “Recordação-referência” (JOSSO, 2002) e “biografização” (DELORY-MOMBERGER, 2008), analisando as memórias escolares de idosos que frequentavam a Casa Dia Vicente de Paulo durante o ano de 2022.

2.2 O que é Recordação-Referência

No senso comum, as palavras recordação e referência podem ser entendidas na perspectiva de uma história de um livro, um álbum de fotografias ou uma conversa. Em relação à teoria Histórias de Vida de Marie-Christine Josso (2002, p. 29), uma autora basilar dessa vertente teórica, “Falar de recordação-referência é dizer de imediato, que elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação”.

Trago de forma alegórica¹ o filme *Forrest Gump* (1994) do diretor Robert Zemeckis que inicia a trama com a imagem de uma pena branca sendo levada pelo vento e delicadamente pousada aos pés de Forrest (personagem principal do filme) o qual está sentado em um banco de uma parada de ônibus e tem em seu colo uma caixa de bombons de chocolate. Ele oferece um bombom a cada desconhecido que se senta ao seu lado e inicia uma conversa relatando uma passagem de sua vida. A cada passagem relatada ele cita repetidamente a frase de sua mãe: "A vida é como uma caixa de bombons, você nunca sabe o que vai encontrar."

Forrest recorre às palavras de sua mãe, como uma Recordação-referência (JOSSO, 2002) uma vez que, ele sempre usa essas palavras para influenciar e justificar suas atitudes. No decorrer do filme, Forrest constrói sua vida e a transforma usando as recordações-referência de

¹ Que se refere à alegoria, à expressão figurada de um pensamento, ou sentimento, por meio da qual um objeto pode significar outro: personagem alegórico.

seu amigo que morreu na guerra do Vietnã chamado Buba. A promessa feita ao seu camarada tornou-se a essência de sua trajetória profissional.

Faço uso de forma alegórica do filme acima descrito, para apresentar o meu entendimento sobre “Recordação-referência” (JOSSO 2002) quando diz que as recordações são simbólicas e quando narradas ilustram e descrevem uma história vivida em um contexto de um dado momento. Quando essa recordação leva a uma experiência formadora a ponto do sujeito retomar sua identidade e o sentido de sua vida, essa recordação torna-se uma recordação-referência, como foi o caso do reencontro com o “Tenente Dan Taylor”. Esse personagem tinha perdido as duas pernas no Vietnã e até então Dan, como Forrest o chamava, vivia nos bares alcoolizado. A partir do encontro com Forrest e do diálogo que trouxe à tona recordações-referência eles retomaram suas vidas e Dan encontra novamente o sentido de viver.

O conceito de Recordação-referência, como foi apresentado, está sempre vinculado à experiência formadora, ao curso de toda uma vida. Revisitando as decisões tomadas no passado, o sujeito busca tecer a relação com o presente, isto é, com o sentido que sua própria vida vem tomando. Nessa linha é possível traçar uma meta ou objetivos que o levem a continuar nessa orientação de vida ou que podem retomar alguns aspectos que ficaram represados ou negligenciados no passado, criando significado, com novos pensamentos e sentimentos, ou esse significado seja um processo de reconhecimento e identidade de sua vida, gerando um apaziguamento com o seu passado.

2.3 Biografização

A biografização, através de uma perspectiva formativa, educacional, elucida como acontece a (auto)formação através das histórias de vida, usando a forma narrativa da expressão de si como uma matéria movente, transitória, viva, amarrada ao presente e ao mesmo tempo história inacabada (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Acreditar em uma formação embasada na reflexão sobre os pressupostos da narrativa de Histórias de Vida, tanto como prática pessoal como também na escuta do outro, no caso, idosos da Casa Dia Vicente de Paulo, é a minha proposta. A pesquisa autobiográfica é a

proposta teórico-metodológica que me possibilitou investigar e compreender a minha própria história formativa.

Dentro dessa vertente epistemológica pretendo compreender elementos essenciais das histórias, os fatos biográficos, explicitados nas conversas realizadas junto aos idosos

O fato biográfico, segundo Delory-Momberger (2008), é entendido como esse espaço-tempo de representação biográfica que toma do discurso narrativo seus princípios de organização e de coesão. E por necessitar desse processo de enunciação oral ou escrita, o fato biográfico se confunde com a própria narrativa.

A relação entre fato biográfico e biografização é muito estreita, pensando em uma forma empírica no mesmo sentido da relação entre o pensar e o falar.

A noção de biografização (DELORY-MOMBERGER, 2008) refere-se a um trabalho de interpretação (busca do sentido) e um trabalho de textualização (escrita ou oral) pelos quais o narrador organiza os fatos pessoais de sua história (autobiografia) ou da história do outro (biografia).

Segundo Passegui e Abrahão (2012),

A certeza de não poder nos acerrar devidamente de todos os aspectos não nos impede de pensar a riqueza epistemológica da articulação entre o fato biográfico, como virtualidade, e biografização como enunciação, enquanto uma via estimulante de pesquisa sobre as narrativas autobiográficas, pois evidencia a estreita relação entre pensamento, linguagem e práxis social (p. 36).

O conhecimento pessoal entrelaçado ao conhecimento escolar dos idosos também acontece ao narrar as histórias de suas experiências, dos seus vividos e interpretar suas palavras faladas, ainda que todos os aspectos não sejam contemplados. O trabalho da busca do sentido, do entrelaçamento com os diversos aspectos que foram negligenciados propositalmente ou não, foi um grande desafio e é um campo que ao ser assumido não desmerece a riqueza epistemológica da articulação entre o fato biográfico e a biografização.

Segundo as mesmas autoras,

Traduzir a vida em palavras promete ao narrador obter, contra o risco de se expor, o benefício de clarificar suas atitudes e decisões e, sobretudo, o mérito de aprender a compor versões suficientemente boas de si para melhor agir no mundo (p. 41).

Acredito que narrar é uma forma de construção de conhecimento e que pesquisar

expressões faladas, antes pensadas, enfim uma forma elevada de acesso à consciência, que aqui é entendida como um ato intencional em direção à compreensão do mundo, como rede de relações.

Segundo Delory-Momberger (2012), a narrativa não é apenas o produto de um “ato de contar” ela tem também um poder de efetuação sobre o que narra. Sobre essa “força de agir” da narrativa que repousam os processos de formação que fazem apelo às histórias de vida. É pela e na linguagem que os indivíduos constroem “o mundo interior do mundo exterior” (p. 82).

A organização e a construção da narrativa de si implicam colocar o sujeito, no caso, os idosos, em contato com suas experiências formadoras, as quais são perspectivadas a partir daquilo que cada um viveu e vive, das simbolizações construídas ao longo da vida. Por isso, “[...] para que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem [...]” (JOSSO, 2002, p. 3).

2.4 Conhecendo o contexto da Casa Dia

A Casa Dia Vicente de Paulo é uma instituição mantida pela Sociedade Espírita Vicente de Paulo, na cidade de Bagé-RS, destinada a idosos em situação de vulnerabilidade social que não apresentem enfermidade grave. Conta com uma administração própria, constituída por uma psicóloga, uma cuidadora, duas cozinheiras e uma estagiária, num total de cinco pessoas.

O espaço físico contempla uma cozinha, refeitório, banheiro feminino e masculino individuais, sala de atividades com televisão, sala consultório, sala de fisioterapia, sala com televisão, sala da administração, jardim e horta.

O idoso que quiser participar da Casa Dia passa por um processo de triagem junto com os seus familiares. É necessário ter, no mínimo, 65 anos e querer ficar. O *querer ficar* é primordial e essa vontade é respeitada em primeiro lugar, não o interesse da família, uma vez que essa é uma casa de acolhimento, que difere dos que precisam.

A Casa Dia é para os idosos que não querem ficar sozinhos em casa, enquanto os familiares estão no trabalho. O período de adaptação é de quinze dias. Entretanto, no segundo dia eles já têm a certeza de que querem ficar.

Os idosos contribuem com uma mensalidade de trezentos e cinquenta reais para o custeio do transporte e da alimentação. Além disso, a Casa Dia tem o apoio da Prefeitura

Municipal de Bagé-RS que cede uma psicóloga e essa relação se deu através da Secretaria do Idoso.

A Casa Dia atende em torno de quinze idosos que possuam uma certa autonomia e que estejam em situação de vulnerabilidade social. A Casa contempla vagas para vinte idosos. Mas, por falta de pessoal, não atende esse número. Eles são buscados em suas casas às 8h e 30min e retornam para suas residências às 16h e 30min, de segunda à sexta-feira.

Quando chegam pela manhã eles tomam o café e fazem alguma atividade que esteja programada. Após o almoço eles descansam e na parte da tarde realizam mais atividades ou assistem TV juntos em uma sala bem adequada com aquecimento e cadeiras confortáveis.

Uma das atividades realizadas é a Terapia do Amor em que eles recebem atendimento individual com a psicóloga. É um trabalho permanente para tratar de assuntos do interesse do idoso. Outra atividade são as aulas sobre a doutrina espírita e também a aula de Educação Física e Fisioterapia oferecida pelo Centro Universitário URCAMP. Há ainda os voluntários que fazem atividades de artesanato.

No segundo semestre do ano de 2022 duas professoras do Curso de Matemática – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Bagé, iniciaram o Projeto de Extensão “A Matemática vai à Casa Dia: propondo atividades acadêmicas a idosos” por meio do Programa Integração Matemática no Pampa (PIMP) e com a colaboração do Projeto de Extensão Pampa Circular – Danças Circulares no Pampa, do qual fiz parte como bolsista.

O Projeto de Extensão “A Matemática vai à Casa Dia: propondo atividades acadêmicas a idosos” tinha como objetivo geral contribuir para o desenvolvimento pessoal, educacional e cultural dos idosos da Casa Dia Vicente de Paulo e como objetivos específicos, estimular o raciocínio lógico e a memória através de atividades lúdicas; possibilitar o conhecimento de algumas mídias digitais; valorizar os conhecimentos e vivências dos participantes estimulando o protagonismo dos mesmos e mobilizar o corpo e a mente através da prática de danças circulares.

No item a seguir, vou explicar a metodologia adotada que me permitiu produzir os dados desta pesquisa enquanto atuava como bolsista nas atividades desse projeto.

3 METODOLOGIA

A pesquisa intitulada “Memórias escolares como recordações referência: o trajeto formativo de idosos” busca compreender por meio de memórias escolares as recordações-referência de idosos que eram assistidos no ano de 2022 pela Casa Dia Vicente de Paulo, localizada em Bagé-RS.

3.1. Produção dos dados

A pesquisa foi realizada por meio de narrativas biografadas das memórias escolares de cinco idosos que frequentavam a Casa Dia em 2022. Apresentou nos relatos o cotidiano do aprendizado na infância e na juventude que no momento da entrevista pôde dialogar com o que ele viveu e, com isso, poder reconhecer-se, revisitar e reviver suas vidas através de suas memórias. Outra dimensão desta pesquisa refere-se ao nível (auto)formativo pois estou nesse tempo sendo uma pesquisadora, no entanto, busco pelo viés da (auto)formação pensar o conhecimento a fim de me tornar mais reflexiva e crítica.

A seguir descrevo como foram produzidos os dados da pesquisa:

Passo 1: Conhecendo os idosos – Como já dito, o contato com os idosos foi proporcionado pelo Projeto de Extensão “A matemática vai à Casa Dia: propondo atividades acadêmicas a idosos”, em que atuei como bolsista durante o segundo semestre de 2022. As atividades realizadas na Casa Dia aconteciam em dois encontros semanais no turno matutino, com aproximadamente uma hora de duração, nas quartas e sextas-feiras. Nas quartas eram realizadas danças circulares em cadeiras com a coordenadora do projeto e nas sextas-feiras eu trabalhava na perspectiva do pensamento cognitivo através de atividades lógicas, jogos e relatos sobre suas vivências escolares.

Passo 2: Atividades realizadas - As danças circulares em cadeiras eram realizadas nas quartas-feiras. Essa forma de dançar foi uma adaptação das danças circulares para este público específico, os idosos da Casa Dia Vicente de Paulo. Tinham como objetivo favorecer a mobilização do corpo e da mente dos participantes, valendo ressaltar que uma das coreografias das danças foi elaborada em conjunto com os idosos. As atividades desenvolvidas nas sextas-feiras eram de raciocínio lógico, de criatividade e/ou de desenvolvimento cognitivo como: Tangran, Blocos lógicos, desenhos, dinâmicas integrativas, relatos de histórias de vida

as quais eram planejadas, organizadas e executadas por mim e pela professora orientadora. Algumas dessas atividades permitiram que os idosos fossem protagonistas e contassem suas histórias de vida.

Passo 3: Entrevistas individuais - Pesquisar as histórias de vida e os trajetos escolares dos idosos se deu no início do mês de dezembro, em paralelo às atividades de raciocínio lógico e de criatividade, que ocorriam nas sextas-feiras. Foi a partir dos trabalhos com raciocínio lógico de criar uma história usando objetos que eu levava para desenvolver a atividade. Iniciei as entrevistas com a intenção de conversar com todos, no entanto, não foi possível porque o ano estava acabando e o projeto estava encerrando as atividades de 2022. As entrevistas aconteceram da seguinte forma: pedi para eles falarem o nome e idade e relatarem suas memórias escolares. Esses relatos procediam como uma conversa informal entre amigos que durava por volta de uns quinze minutos. Em relação ao registro, usei o gravador de voz do celular, possibilitando garantir o conteúdo para transcrição e posterior análise.

Passo 4: Análise das entrevistas – As entrevistas foram transcritas e categorizadas por meio de núcleos temáticos que emergiram dos relatos. Usei pseudônimos para me referir aos cinco idosos – 3 homens e 2 mulheres – entrevistados da Casa Dia Vicente de Paulo em Bagé-RS que são: Neneca (69 anos), Campesino (66 anos), Aventureiro (79 anos), Menino Travesso (78 anos) e Sinhazinha (84 anos). Nos relatos eles descreveram suas experiências na trajetória formativa e pude destacar os núcleos temáticos que eram recorrentes nas entrevistas que denominei: ambiente escolar; experiências pessoais e relações interpessoais.

A seguir apresento os núcleos temáticos que afloraram das entrevistas e a análise com o enfoque nas recordações-referência (JOSSO, 2002).

3.2 Análise de dados

Ao fazer a análise sobre as entrevistas transcritas, emergiram imagens simbólicas que relacionei com as experiências escolares dos participantes ao mesmo tempo que refleti sobre as minhas vivências escolares no que tange o aspecto formativo da minha vivência como estudante de um curso de Matemática-Licenciatura.

Uma vez que somos, ao mesmo tempo, sujeitos individuais e coletivos e nos constituímos na dialética de processos que dizem respeito às nossas histórias imbricadas no contexto social que vivemos.

3.2.1 Neneca

Ambiente Escolar: Iniciou relatando sobre a escola na Zona Rural e sua professora. Mencionou um acidente em uma festa de São João em que a filha da professora pulou a fogueira e se queimou. Em sua memória a escola era maravilhosa, não muito rígida, com várias classes e uma única professora que dava cenoura crua para os alunos comerem. A escola estava localizada perto da cidade de São Sepé. Posteriormente, ela se mudou para São Sepé para continuar seus estudos. Teve dificuldades no novo ambiente escolar e acabou reprovando. Falou sobre as experiências das aulas particulares, sobre os seus quatro anos na escola rural, relatou que era boa em matemática e depois sobre sua mudança para uma escola na cidade, as dificuldades desse novo ambiente entre rotina e escola

Experiências Pessoais: Fez o primeiro ano particular e depois ingressou na escola no segundo ano. Estudou nessa escola até o quinto ano e conta com bastante afetividade sobre a professora. Relatou a mudança de escola e sua relação com o pai era muito autoritária. “Ele me mandou subir no caminhão que ele tava e foi pegar as minhas coisas na casa onde eu parava”. Ela também descreve seu interesse em matemática e as dificuldades enfrentadas na escola da cidade por falta de tempo para estudar, pois morava com uma família com muitas crianças sendo um com problemas de saúde e tinha que colaborar nos cuidados.

Relações Interpessoais: Trouxe um episódio da professora do seu primeiro ano da escola rural com o filho do sócio de seu pai. Relata que a professora, na tentativa de chamar a atenção do rapaz, quebrou a ponta do lápis e mandou ela levar para ele fazer a ponta. Revelou a saudade que sentiu da professora da escola da campanha e sua preocupação com o estado de saúde dela. Descreveu o caminho difícil que ela enfrentou junto aos seus anfitriões e os estudos, demonstrou a grande frustração em ter reprovado e não ter podido seguir estudando. A recordação-referência está sempre vinculada à experiência formadora, ao curso de toda uma vida. Neneca visita as decisões tomadas no passado e busca tecer a relação com o presente e com isso ela faz uma análise dizendo: “Tu viste isso!”

3.2.2 Campesino

Aspectos do Ambiente Escolar: Trouxe o seu ambiente escolar em um outro país. Ele descreve a sua primeira escola como um internato na cidade de *Treinta y Tres* no Uruguai. Iam no turno matutino, tomavam café da manhã e seguiam para a sala de aula até o meio dia. Depois iam para o almoço e sesteavam até às dezesseis horas, para tomar café e serem liberados para irem embora para casa. Uma escola muito boa. Mas ele se considera muito incapaz para os estudos porque repetiu três vezes o primeiro ano. Ele usa a expressão “posso dizer que fui muito burro”. Estudou até o quarto ano, depois foi para uma escola chamada Setenta e Três que ficava a duas quadras da sua casa e depois foi para uma outra escola, conseguiu chegar ao quinto ano e não quis mais frequentar a escola por se sentir muito velho. Quando perguntado qual a disciplina que ele mais gostava, afirmou não lembrar muito desse tempo.

Experiências Pessoais: Ao desistir dos estudos foi trabalhar como tratorista. Mencionou que sentia falta da escola. Aos dezoito anos foi embora para Porto Alegre trabalhar com madeira, usou serra circular durante dois anos. Ali se acidentou e perdeu os dedos da mão, voltando para a casa da mãe.

Relações Interpessoais: Campesino nos seus relatos ele se auto deprecia, com frases populares como: “Eu era muito burro!”

3.2.3 Aventureiro

Aspectos do Ambiente Escolar: Morou em uma localidade rural chamada Colônia por ser descendente direto de colonizadores italianos. Sua mãe tornou-se professora na localidade mesmo tendo estudado até a quinta série. Nos períodos de férias fazia formação e conseguiu terminar o curso Normal. Sua mãe-professora foi transferida para várias escolas dentro das comunidades das colônias, ele e mais três irmãos a acompanhavam. Ele era um dos mais novos, o pai era separado. Relata que eles eram disciplinados de maneira muito rígida pela mãe, muitas vezes eram castigados para dar exemplo dentro da sala de aula. As escolas eram muito cheias, contou que em uma escola, com apenas uma sala de aula, frequentavam mais de 140 alunos. Essa aula era chamada multisseriada. Começou a estudar na última escola que sua mãe lecionou que foi uma das escolas criadas pelo governador Leonel de Moura Brizola, as “Brizoletas” como eram chamadas. Terminou o ensino fundamental na cidade em

um internato dos padres católicos, onde tinha bolsa, mas tinha que estudar muito porque as disciplinas eram muito puxadas principalmente Geografia, Matemática, Português e História. Ele relatou que também falava vários idiomas, porque na colônia falavam o italiano e os vizinhos eram de origem polonesa, alemã, russa. Além desse aspecto, a cidade ficava perto do Rio Uruguai que separa o Brasil da Argentina. Ele lia muitos livros da Argentina, porque eles eram bem mais desenvolvidos do que o lado brasileiro. “Isso ocorreu por volta de 1954. Ano em que suicidaram Getúlio Vargas”. Relatou que ali na costa do Rio Uruguai, na colônia onde moravam, era uma verdadeira selva. Tinham vários animais como onça parda, nas pequenas clareiras podiam ver até três tipos de veados campeiros, pomba do mato, perdiz à vontade. “Os índios acabaram! Só encontrávamos restos de panelas de barro, pedaços de lanças que os índios usavam, ainda tinham algumas famílias que eram chamadas de “Bugres”, daí os brancos tomaram conta”.

Concluiu educação básica “científico” em outra cidade sendo bolsista em um outro sistema religioso, evangélico. Relata que fez o curso superior de Odontologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Porto Alegre e que depois de diplomado veio morar em Bagé, trabalhar no Hospital da Guarnição de Bagé. Fez a odontologia porque desde pequeno sonhava em ser dentista.

Experiências Pessoais: Traz uma relação muito forte com a mãe e os irmãos, estudou bastante, tendo todas as etapas de estudo concluídas, bastante conhecimento, construiu família, filhos, profissão.

Relações Interpessoais: Teve uma infância de obediência, estudou para ter a profissão que desejava. Quando comenta sobre a mãe, ele diz não entender porque era tão rígida. Fala que o irmão mais velho gostava de mandar e que uma vez o irmão cortou ele com uma faca por ele não fazer o que o irmão tinha ordenado. Fala bastante de sua vida de jovem adulto dentro de consciência política na época. Faz uma crítica sobre si dizendo que atualmente faz artesanato para se manter na atividade.

3.2.4 Menino Travesso

Aspectos do Ambiente Escolar: Iniciou seus estudos no interior, zona rural. Era a escola da Mozinha, a nossa professora, e o nome do marido dela era Bibico e a filha deles

estudava conosco e era a única menina na sala. A professora era rígida, mas não era braba. “Uma vez a filha da professora disse alguma coisa para o Zezé e ele respondeu mal para ela e ela contou para a professora, que mandou chamar o pai do Zezé que veio e deu uma surra nele com um relho trançado. Ele foi para casa, mas depois ele voltou”.

Quando perguntado qual disciplina que ele mais gostava ele respondeu Português, mas não se lembrava mais, por fazer muito tempo. Menino, remete a um ambiente de interação feliz junto aos colegas. Ele comenta sobre a escola, sobre ficar junto à casa da professora e quando ela vai até a casa dela, eles fazem uma bola de papel e ficam jogando “pa, pa, pa cuida a volta dela e aviso aí vem ela, aí vem ela”.

Estudou até o segundo ano do ensino fundamental, mas manteve uma ligação com a escola pois ele conta uma história de sua juventude: “Eu vou te contar uma, aí eu já fiquei taludinho, meio grandinho, veio uma professora que era bem nova que nem eu, pra lecionar lá perto, nesses colégios do Brizola, amarelinhos. Ela não tinha onde parar e a senhora que me criou deu lugar para ela morar lá. Eu tinha que levar a professora no colégio. Prendia os cavalos numa aranha que tinha e levava ela todos os dias e, guri sem cabeça nem nada, eu não tinha cabeça pra nada, sabe que nós entramos em namoro e desse namoro eu tenho um guri (inaudível) que tá com 52 anos agora e ele é engenheiro. Sabe, hoje ele perdeu a chave do carro e eu não sabia onde estava.

Experiências Pessoais: Mostrou uma infância espontânea, feliz, mas que os estudos não foram prioridade. Tem um bom relacionamento com os colegas, jovem que entrelaça a escola com vida pessoal, trazendo para sua vida os cuidados para si e com os outros.

Relações Interpessoais: O Menino Travesso criado desprendido por uma senhora revela ter um bom relacionamento consigo mesmo e com os outros.

3.2.5 Sinhazinha

Aspectos do Ambiente Escolar: Estudou em Bagé até o terceiro ano, uma escola perto de onde é hoje o Banco do Brasil. Sua professora era chamada por Aninha e que já nem existe mais, já faz muitos anos. Batiam nos colegas mal-educados. Estudou na escola Melani Granier e a professora Melanie era rígida, a gente ia de castigo, tudo era: Sim senhor! Sim senhora! Também estudou na rua Barão do Triunfo. Nesse tempo usava-se uniforme. Tinha um porão e

ela atravessava para ir comprar cigarro para os outros. Quando perguntei se ela tinha sofrido alguma repreensão, ela disse que não, “sou muito quieta e não converso muito.” Trouxe uma lembrança da família, ela tem um casal de filhos e o filho estudou na Escola São Pedro e que um dia foi chamada porque o filho estava fumando, mas ele era bem guri e era proibido meninos e meninas fumarem. Mas, que foi a única vez, hoje as coisas mudaram muito e para pior, falta de educação, ninguém respeita.

Experiências Pessoais: Não deixou claro se ela fez o terceiro ano do ensino fundamental ou da educação básica. Ela fala de um aprendizado sob castigo e obediência, mas como toda a criança se mostra sagaz, posso dizer isso quando ela nos conta que atravessou o portão para ir comprar cigarro para os outros e não deixou de fazer o que ela quis porque ela hoje é fumante. Preocupada com a educação dos filhos.

Relações Interpessoais: A sinhazinha parece ser uma pessoa que costumava obedecer, tinha medo do castigo e aprendeu a viver no silêncio.

A seguir apresento a análise de cada um dos participantes da pesquisa relacionando-os com as categorias ambiente escolar; experiências pessoais e relações interpessoais, a partir da vertente teórica de Histórias de Vida, especificamente usando conceito de Recordação-referência, na experiência formadora, no curso de toda uma vida.

Neneca, no aspecto do Ambiente Escolar, recorda os cuidados da professora com os alunos, o carinho que ela fala do gesto da professora dar cenoura crua para eles comerem, a preocupação com o acidente na fogueira. Já na escola da cidade, Neneca traz recordações deslocadas e relata dificuldades de adaptação, principalmente pela reprovação que teve na escola. Quanto às Experiências Pessoais: ela traz várias referências sobre afetividade muito forte quando relata a tentativa de namoro da primeira professora com o empregado do pai quebrando a ponta do lápis para ser refeita pelo rapaz. Com a segunda professora ela traz uma referência afetiva de cuidado e carinho. Já na escola urbana ela demonstra frustração por ter reprovado, mostra também que tem uma inversão na troca de cuidados, pois ela torna-se cuidadora de outros e a sua relação com o pai que impõe autoridade sem dar chance de defesa, pois ele a tira da escola, deixando-a muito triste. Nota-se ao ver quando ela relata e argumenta. “Tu viste isso!” Nas relações interpessoais, revelou a saudade que sentiu da professora da escola da zona rural e sua preocupação com o estado de saúde dela. Descreveu o caminho difícil na zona urbana que ela enfrentou junto aos seus anfitriões e os estudos, demonstrou a grande

frustração em ter reprovado e quanto ao uso de autoridade do pai, por não ter podido seguir estudando. A recordação-referência está sempre vinculada à experiência formadora, ao curso de toda uma vida. Neneca visita as decisões tomadas no passado e busca tecer a relação com o presente e com isso ela sintetiza sua reflexão com a seguinte questão: “Tu viu isso!”

Campesino, no aspecto do Ambiente Escolar, estudou em um outro país e identifiquei que a escola era um local para as crianças ficarem, pois relata que a tarde era para dormir, eles não tinham atividades. Quanto às Experiências Pessoais, não teve incentivo para os estudos. Sentindo-se incapaz, foi trabalhar como tratorista, ainda jovem, mas relatou ter sentido falta da escola. Aos dezoito anos mudou-se para Porto Alegre e trocou de profissão. Tornou-se marceneiro, sofreu um acidente perdendo os dedos da mão, o que o fez retornar para a casa da mãe. Em termos das Relações Interpessoais, Campesino, nos seus relatos, se auto deprecia. Atualmente tem bastante dificuldade em se integrar socialmente. Digo isso porque era muito difícil a sua participação nas atividades do Projeto de Extensão. Ele não via importância na sua participação, sempre dizia: “Essas bobagens”. A atitude do Campesino de se autodepreciar como “burro” pode ter desempenhado um papel importante nas suas decisões e atitudes atuais, tomando como uma verdade as suas frustrações durante a vida, como ele relata. Essa baixa autoestima transparece nele, sendo uma pessoa solitária que não sente sabor no que tem para experimentar, recusando-se a ser participativo nas interações do grupo que ele está inserido. Josso (2002) nos fala que as recordações-referência podem ser qualificadas de experiência formadora. Campesino apresentou um isolamento em relação aos idosos da Casa Dia. Era uma raridade ele participar das atividades com o grupo e ele não via necessidade das relações e atividades cognitivas para si.

Aventureiro, no aspecto do Ambiente Escolar, inicia na zona rural, com características próprias pois é descendente de colonizadores italianos. Sua mãe era professora, a qual o disciplinava de maneira muito rígida. A escola era com a sala de aula multisseriada e ela os usava, ele e os irmãos, como exemplo, pois às vezes tinham 140 alunos na sala. Aventureiro traz na sua formação o vivido com sua mãe de maneira inerente. Segundo Josso (2002),
Recordação- Referência

[...] pode ser qualificada de experiência formadora, porque o que foi aprendido (saber-fazer e conhecimentos) serve, daí para frente, quer de referência a numerosíssimas situações do gênero, que de acontecimento existencial único e decisivo da simbólica orientadora de uma vida (JOSSO, 2002, p. 29).

Aventureiro, em seus relatos do período escolar, traz vivências da história do Brasil, fala das escolas que foram criadas, as datas, alguns acontecimentos dessa época. Aventureiro concluiu todas as etapas da educação em diferentes instituições, fez formação superior em Odontologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul: “Ser universitário naquele tempo era ser: O Senhor!” Nessa frase ele conclui a sua conquista profissional que tem um cunho de identidade, apesar de que a identidade tem uma amplitude muito maior do que o que se faz profissionalmente. Aventureiro, no aspecto das Experiências Pessoais, traz uma relação muito forte com a família, mãe e irmãos Seu pai foi ausente. A disciplina foi outro aspecto bem relevante em sua trajetória escolar na qual estudou bastante tornando-se odontologista militar. Adquiriu conhecimento, constituiu família. Aventureiro, nas suas Relações Interpessoais, teve uma infância de obediência, estudou para ter a profissão que desejava. Ele relata que sua mãe contava para ele que quando estava aprendendo a falar, dizia: “Eu vou ser “Dientista!”. Ainda sobre a mãe, ele diz não entender porque era tão rígida e fala que o irmão mais velho também exigia obediência. Uma vez teve uma relação forte da igreja na sua formação. Na fase adulta, viveu fatos políticos os quais participou ativamente. Nos relatos, o Aventureiro nunca falou sobre a sua família (mulher e quatro filhos). Na Casa Dia ele faz artesanato em palha. Em uma ocasião, falando sobre o trabalho dele como artesão, ele me disse uma frase: “É para me manter em atividade.”

Menino Travesso, nos aspectos do Ambiente Escolar, iniciou seus estudos no interior, na zona rural, na escola da Mozinha. Sua professora era rígida. Era casada e tinha uma filha que estudava na mesma classe e era a única menina na sala. Menino Travesso traz os relatos sobre aquele ambiente de uma maneira espontânea. No entanto, quando perguntei se gostava de aprender ele disse que não se lembrava, porque já fazia muito tempo, mas que estudou até o segundo ano do ensino fundamental. Continuou tendo relação com a escola embora não fosse mais aluno. Nas suas Experiências Pessoais, Menino Travesso se mostrou um jovem extrovertido, dando a entender que não foi criado pela sua família, pois ele falava: “A senhora que me criava onde uma professora foi morar!”. Na frase dele, “Eu vou te contar uma: aí eu já fiquei taludinho, meio grandinho, veio uma professora que era bem nova que nem eu, nos entramos e namoramos; guri sem cabeça nem nada, eu não tinha cabeça pra nada”. Nesse momento o Menino Travesso traz uma memória de sua juventude. Uma recordação–referência,

porque ele toma a consciência do que é ser jovem. Josso (2002, p. 29) coloca que “Se esta reflexão estiver integrada como uma das formas de atenção consciente é possível intervir na formação do sujeito de maneira mais criativa”. Essa memória e reflexão leva ele a uma preocupação com os jovens porque atitudes impensadas podem acarretar consequências. No caso do Menino Travesso esse ato gerou um filho o qual hoje é seu tutor, mas existem situações que podem ter casos graves e irreversíveis. Sobre as Relações Interpessoais, Menino Travesso foi criado desenraizado da família, por uma senhora. Revela ter um bom relacionamento consigo mesmo e com os outros e isso pode ser percebido através da sua participação no grupo.

Sinhazinha, nos aspectos do Ambiente Escolar, estudou na cidade de Bagé até o terceiro ano. Sua professora era chamada por Aninha e relata que tinha colegas mal-educados e, por isso, eram castigados. De certa forma, Sinhazinha compartilha da mesma opinião, quando fala: “Hoje as coisas mudaram muito e para pior, falta de educação, ninguém respeita.” Ela também estudou com a professora Melanie Granier, que era muito rígida. Os colegas iam de castigo e as palavras eram: “Sim senhor! Sim senhora!”. Ela traz em sua natureza a obediência. Complementa que nesse tempo usava-se uniforme. Aqui ela faz uma relação com a forma de vestir de hoje.

Ela demonstra o quanto era submissa à ordem de outros, inclusive obedecia à ordem de ir comprar cigarro para os colegas. No que tange às Experiências Pessoais, trouxe uma lembrança do filho que estudou na Escola São Pedro e que um dia ela foi chamada porque o filho estava fumando. “(...) Ele era um bom guri e era proibido para meninos e meninas fumar, mas foi a única vez”. Aqui ela apoia a insubordinação do seu filho por ser muito jovem. Recorro aqui a noção de biografização (DELORY-MOMBERGER, 2008) para a interpretação na busca do sentido da história narrada por Sinhazinha que explica a atitude do filho. Ela revive a história e a narra dizendo ele era um guri.

Não ficou claro se Sinhazinha fez o terceiro ano do ensino fundamental ou da educação básica. Sinhazinha é uma mulher introspectiva. Um aspecto interessante é que, mesmo falando sobre obediência e castigo, ela se tornou fumante, algo que foi proibido na sua juventude. Parece ser alguém que costumava obedecer por medo do castigo, aprendendo a viver em silêncio. Embora participe às vezes das atividades propostas na Casa Dia, não o faz com regularidade, o que a torna uma pessoa mais solitária.

² Personalidade representa aquelas características da pessoas que explicam padrões consistente de sentimentos, pensamentos e comportamentos

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com a teoria sobre Histórias de Vida foi desafiador porque foi o meu primeiro contato com essa teoria e metodologia. Um aspecto formador que vejo após ter realizado esta pesquisa é que há a possibilidade de se compreender o mundo social, o sentido que os sujeitos atribuem a si e a outras pessoas, analisar as escolhas e seus caminhos, assim como repensar a atitude e recomeçar uma nova trajetória.

Os resultados revelaram três núcleos temáticos essenciais: ambiente escolar, experiências pessoais e relações interpessoais. A abordagem (auto) formativa, ancorada nos paradigmas experimental e singular/plural, possibilitou a visualização do sentido e a potencialização do processo de formação e conhecimento.

Uma das limitações da pesquisa foi quanto ao uso dos conceitos, foram usados apenas os conceitos de Recordação-Referência (JOSSO, 2002) e Biografização (DELORY-MOMBERGER, 2008) para análise, sendo o material revelado pelas entrevistas um mundo de possibilidades de análise. Entretanto, esse aspecto pode ser amplificado e aprofundado em um trabalho de pós-graduação, não se esgotando aqui neste trabalho.

Essa abordagem se revelou crucial não apenas como prática pessoal, mas também na valorização da escuta do outro e na compreensão enriquecedora das experiências vividas pelos idosos, que destacam a relevância dessas descobertas, mas também a importância da inserção ativa do pesquisador na interpretação e compreensão dos dados produzidos, contribuindo para uma compreensão mais profunda do trajeto formativo dos idosos, podendo assim, ter apontando possíveis caminhos para aprimorar a experiência educacional, tendo um olhar enriquecedor para com a docência.

5 REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Retalhos em trama: entre os fios do narrar, docenciar e geografar.** Parte 1, A intriga narrativa em história de vida de uma destacada educadora sul-riograndense –(re)construindo a personagem. Ed. Porto Alegre/RS.2022. IGEO/UFRGS.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto.** São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas.** In: ABRAHÃO, M. H.(org) et all. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDUPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012.

DICIONÁRIO Online. **Narrativa.** Disponível em <<https://www.dicio.com.br/narrativa/>>. Acesso em: 20 set.2023.

FRANK, Anne. **O Diário de Anne Frank.** Direção de George Stevens. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1959. (Netflix)

GUMP, Robert Zemeckis (Diretor). **Forrest Gump - O Contador de Histórias.** Estados Unidos: Paramount Pictures, 1994. 2 horas e 22 minutos. (Netflix)

JOSSO, Marie-Chistine. **Experiência de Vida e Formação - (Educa. Formação; 8),** Liboa: EDUCA, 2002.

_____. **Processo Autobiográfico do Conhecimento da Identidade Evolutiva Singular-Plural e o Conhecimento da Epistemologia Existencial.** In: ABRAHÃO, M. H., FRIZON, L.H.B. e BARREIRO, C.B. (org.). **A nova aventura (auto)biográfica.** Tomo I. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p.59-89.

PASSEGGI, M. da Conceição e ABRAHÃO, M. Helena Menna Barreto. **A pesquisa (auto)biográfica: questionamentos teóricos.** In: PASSEGGI M.C. e ABRAHÃO, M.H.M.B.(org). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (aut)biográfica: Tomo II.** Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Foto Casa Dia



APENDICE B –Escola infantil anexa à Casa Dia



APENDICE C – Dinâmica proposta: Criando figuras com Tangran

